

Ildásio Tavares

As emergências de Annabela

Desde os primeiros contatos com Annabela Rita, que pude percebê-la possuidora de uma genuína vocação para a crítica literária - e que ela procurou calçar sua sensibilidade com pesquisa e erudição, cônica - ente de que a complexidade do fenômeno literário exige mais do que um simples impressionismo para sua avaliação, entendimento e degustação. Assim, aprofundou e diversificou sua leitura. Assim, agudizou seu olhar. E nos brindou com ensaios do mais alto nível, em que desponta, seu trabalho com Casimiro de Brito em cujo texto ela penetrou como uma verruma desnudando-o, enriquecendo-o.

Vem a luz agora, Annabela Rita, com uma coletânea de ensaios ***Emergências Estéticas***, título metafórico que diz bem da estratégia que usa Annabela de acompanhar o discurso metafórico do autor com o seu. Seja em Garrett, Teolinda, Cesário, Sophia, flagramos Annabela no constante processo de metaforizar o texto, ou, mais particularmente de criar metáforas como molduras de leitura em alguns casos, como miniaturas - Joanelinha adormecida - um instante deste precursor Viagens na Minha Terra, em que, sobre ecoar Xavier de Maistre, o gênio lusitano assenta bases de uma futura linguagem ficcional.

. Sinestesia é a palavra que nos vem à mente quando observamos de

perto o discurso de Annabela. Ela rodeia seus objetos literários com uma iluminação holística, (mas também especular, narcísica) ou, em alguns casos, revela essa iluminação, mostrando como as palavras podem se agrupar pictoricamente. Afinal, essa história de mimese passa ao largo e o texto não é mais o espelho que reflete mas a galáxia que difunde. E aí, a palavra **arte** domina a escritura e a autora vai buscar na História da Arte um respaldo para sua criação imagética.

No rumo da reinvenção, Annabela se apropria dos textos e os enriquece através de sua homogênea. interação com eles. Nada de chutes despropositados. Nada de academismos rígidos. Nada de escolaridade estéril. Entretanto, a autora viceja no território da ousadia, mas não do vôo cego. Com metucioso cuidado, ela vai percorrendo alguns dos territórios mais difíceis das literaturas portuguesa e neles apondo o seu sinete .

De Cesário, consegue revelar novos ângulos. Coisa tão mais difícil porque Cesário Verde já foi levado à exaustão. Na abordagem de Teolinda, faz uma admirável antologia de textos ora musicais, ora líricos, ora os dois, iluminando seus argumentos críticos com exemplos textuais de grande originalidade. E no final do livro, revelase uma excelente memorialista.

SABADO E DOMINGO, 29 E 30 DE JULHO DE 2006

TRIBUNA DA BAHIA

20
&
Dia & Noite

Desde os primeiros contatos com Annabela Rita, que pude percebê-la possuidora de uma, genuína vocação para a crítica literária - e que ela procurou calçar sua sensibilidade com pesquisa e erudição, consciência de que a complexidade do fenômeno literário exige mais do que um simples impressionismo para sua avaliação, entendimento e degustação. Assim, aprofundou e diversificou sua leitura. Assim, agudizou seu olhar. E nos brindou com ensaios do mais alto nível, em que desponta, seu trabalho com Casimiro de Brito em cujo texto ela penetrou como uma verruma desnudando-o, enriquecendo-o

Vem a luz agora, Annabela Rita, com uma coletânea de ensaios *Emergências Estéticas*, título metafórico que diz bem da estratégia que usa Annabela de acompanhar o discurso meta-fórico do autor com o seu. Seja em Garrett,

Teolinda, Cesário, Sophia, flagramos Annabela no constante processo de metaforizar o texto, ou, mais particularmente de criar metáforas como molduras de leitura em alguns casos, como miniaturas - Joanhina adormecida - um instante deste precursor Viagens na Minha Terra, em que, sobre ecoar Xavier de Maistre, o gênio lusitano assenta bases de uma futura linguagem ficcional.

. Sinestesia é a palavra que nos vem à mente quando observamos de

Ildásio Tavares

As emergências de Annabela

perto o discurso de Annabela. Ela rodeia seus objetos literários com uma iluminação holística, (mas também especular, narcísica) ou, em alguns casos, revela essa iluminação, mostrando como as palavras podem se agrupar pictoricamente. Afinal, essa história de mimese passa ao largo e o texto não é mais o espelho que reflete mas a galáxia que difunde. E aí, a palavra **arte** domina a escritura e a autora vai buscar na História da Arte um respaldo para sua criação imagética.

No rumo da reinvenção, Annabela se apropria dos textos e os enriquece através de sua homogênea interação com eles. Nada de chutes despropositados. Nada de academismos rígidos. Nada de escolaridade estéril. Entretanto, a autora viceja no território da ousadia, mas não do vôo cego. Com meticulo-so cuidado, ela vai percorrendo alguns dos territórios mais difíceis da literatura portuguesa e neles apondo o seu sinete.

De Cesário, consegue revelar novos ângulos. Coisa tão mais difícil porque Cesário Verde já foi levado à exaustão. Na abordagem de Teolinda, faz uma admirável antologia de textos ora musicais, ora líricos, ora os dois, iluminando seus argumentos críticos com exemplos textuais de grande originalidade. E no final do livro, revela-se uma excelente memorialista.